

Jorge Reis-Sá – Pátio

Estive para ser entregue a Deus desde pequeno. Não em sacrifício, como o frango que a minha avó ainda mata nas traseiras da casa, golpe certo no pescoço, o sangue a escorrer para a bacia para que depois se junte ao arroz solto, à noite. Estive para ser entregue a Deus com a batina imaculada de um padre, entregue a Nosso Senhor por oração e valência espiritual, há-de ser este o menino, Manel, dizia minha avó a meu pai,

cheia de esperança. Estive por ela, pelo meu pai, que chegou a usar batina no seminário, e por mim, tal o encanto das coisas sagradas. A minha avó

no pátio a olhar para a entrada da casa dizia, rapaz, vamos à missa das dez e meia como se ao céu, e eu aprendiz de feiticeiro a ajudar à missa como gente grande, juntando as migalhas das hóstias com Deus Nosso Senhor ao lado. Estive para ser entregue a Deus

e sentia ser esse o meu destino. Ainda hoje, quando no fim de jantar limpo a banca – a louça na máquina, a hóstia celebrada no pão nosso de cada dia –, dobro silencioso o pano da cozinha como um paramento.

Recito: graças e louvores se dêem a todo o momento.

E ouço: ao Santíssimo e Diviníssimo Sacramento.

Jorge Reis-Sá, Pátio